DOI: 10.5433/2176-6665.2013v18n1p351

OS HOMENS EM PERSPECTIVA

ARILHA, Margareth.
Nações Unidas, população e gênero: homens em perspectiva.
Jundiaí, SP: Editora in House, 2010, 224 p.

POR

Paola Stuker[1]

O livro de Margareth Arilha, a diferença dos estudos clássicos na temática, que tratam do gênero relacionado ao feminino, aborda os enunciados sobre o "masculino" em textos das Organizações das Nações Unidas, realizando uma análise hermenêutica do conceito de gênero nas Conferências Mundiais da ONU.

Segundo Arilha, "gênero é um conceito que tem sido útil e necessário para a compreensão e transformação das realidades socioculturais em que vivem as populações" (p.12). Todavia, para a autora, o conceito tem sido usado de forma equivocada, pois, em muitas situações, limita-se a falar apenas a respeito das necessidades e direitos das mulheres, excluindo os homens. A obra contribui na "revisão da maneira como o campo de saúde sexual e reprodutiva, gênero e direitos sexuais e reprodutivos vem operando na definição e implementação de estratégias e programas de ação destinados à população masculina." (p.15).

A tese da autora é que quando o conceito de gênero é referido aos homens se faz com um caráter puramente instrumental, visando melhorar as condições de saúde e direitos das mulheres. A abordagem dada à participação masculina nos processos sexuais e reprodutivos geralmente privilegia a preservação dos direitos femininos: "a ideologia vigente é a de mobilizar homens buscando apoio para a transformação da vida das mulheres" (p. 54). Além disso, o processo de inclusão dos homens no debate sobre gênero tem se dado de forma morosa, incomparável com o que ocorreu com as mulheres na década de 1970.

[1] Graduanda em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. paolastuker@hotmail.com

RECEBIDO EM 13 DE JANEIRO DE 2013. ACEITO EM 05 DE MAIO DE 2013.

A autora se empenha em realçar uma perspectiva relacional e dialética de gênero, indicando que é preciso encontrar caminhos conceituais mais adequados para pensar em homens e mulheres, tendo em vista que "nem mesmo as necessidades das mulheres serão plenamente atendidas e transformadas sem uma inclusão radical e transformadora dos homens nos processos de transformação cultural" (p.29). Alicerçada neste argumento, Arilha sugere que a própria perspectiva de gênero precisa ser revisada.

Nesse sentido, a proposta do livro é identificar de que maneira os homens foram sendo incluídos e excluídos do debate de gênero no cenário das Nações Unidas, buscando compreender estes aspectos nos textos de oito Conferências Mundiais da ONU sobre População e Desenvolvimento e sobre Mulheres, desde 1974. Diante da análise minuciosa destes documentos, a autora conclui que os mesmos não foram formulados para construir efetivamente uma igualdade de gênero.

Nos textos das Nações Unidas, a imagem dos homens é tratada de forma "conservadora, estática, associada à divisão sexual do trabalho, buscando levá-lo a se comprometer com sua vida no âmbito privado – determinada pelas mulheres" (p. 87). Fica claro assim que os textos das conferências estão corrompidos por uma visão estereotipada do masculino, que adverte a participação do homem no planejamento familiar, nas tarefas domésticas e na criação dos filhos. Desse modo, enquanto o conceito de gênero problematiza as mulheres na esfera pública, os homens são questionados na esfera privada.

Além disso, as conferências das Nações Unidas parecerem tratar de um único homem: trabalhador, heterossexual, pai de família, casado e com filhos; ignorando "as mudanças no âmbito do exercício da sexualidade, constituição conjugal, relações familiares, relações parentais, estigmas, discriminações, violências, e grande impacto sobre as distintas esferas da saúde" (p.188).

Diante os argumentos de Arilha, pode-se considerar o livro resenhado como uma importante contribuição para a discussão de gênero. Com instigantes argumentos que acusam o reducionismo e instrumentalismo da inclusão dos homens nos textos específicos das conferências da ONU, a autora indica, por fim, que nos próximos processos de revisão as mulheres devem considerar que a predominância da visão interpretativa em torno da divisão sexual do trabalho não é suficiente para conseguir mudanças efetivas nas situações desiguais entre homens e mulheres. Sendo assim, tendo os homens em perspectiva, suas contribuições representam uma proposta crítica para pensarmos no conceito de gênero.